

ENTRE MEMÓRIAS E FONTES HISTÓRICAS: DIÁLOGOS, PROBLEMÁTICAS E HISTORIOGRAFIAS EM SALA DE AULA NO ENSINO DE HISTÓRIA

BETWEEN MEMORIES AND HISTORICAL SOURCES: DIALOGUES, PROBLEMS AND HISTORIOGRAPHIES IN THE CLASSROOM IN HISTORY TEACHING

Daniilo Rodrigues Nascimento¹

Poliana de Melo Nogueira²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre as múltiplas fontes históricas, suas ampliações e problematizações nas abordagens historiográficas voltadas ao ensino de história. É uma pesquisa bibliográfica a partir de artigos, livros, textos e trabalhos feitos nas disciplinas Ensino de História (CFCH318), Ensino de História II (CFCH131) do curso licenciatura em história da Universidade Federal do Acre. Assim, este trabalho tem como filtros conceituais: memórias, ensino de história, linguagens e de fontes históricas em sala de aula. Nossa perspectiva é que o diálogo entre professores, fontes e alunos trazem à tona outras experiências e vivências a partir da oralidade, da música, das letras, entre outras dimensões pedagógicas e metodológicas do cotidiano escolar. A pesquisa indica que teorias e metodologias não devem ser abordadas separadamente, pois interatuam na construção de outros conteúdos nas relações ensino aprendizagem na disciplina de História.

PALAVRAS-CHAVE: Memórias; Ensino de História; Linguagem; Fontes Históricas;

ABSTRACT

The present article aims to reflect about the multiple historical sources, their amplification and problematization in the historiographical approaches focused on the teaching of history. It is a bibliographical research based on articles, books, texts and works done in the disciplines History Teaching (CFCH318) and History Teaching II (CFCH131) of the history graduation course of the Federal University of Acre. Thus, this work has as conceptual filters: memories, history teaching, languages, and historical sources in the classroom. Our perspective is that the dialogue between teachers, sources, and students brings to light other experiences from orality, music, and lyrics, among other pedagogical and methodological dimensions of everyday school life. The research indicates that theories and methodologies should not be approached separately, because they interact in the construction of other contents in the teaching-learning relationships in the subject of History.

KEYWORDS: Memories; History Teaching; Language; Historical Sources;

¹ Licenciando em História e Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, pela Universidade Federal do Acre (UFAC). Bacharel em História pela mesma instituição.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, pela Universidade Federal do Acre (UFAC). E-mail: polymelonogueira@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo: refletir sobre as múltiplas fontes históricas e suas problematizações nas abordagens historiográficas voltadas ao ensino de história. A proposta deste texto surgiu de exercício-reflexivo-coletivo e das participações nas disciplinas Ensino de História (CFCH318), Ensino de História II (CFCH131) e a “XX Semana de História – Ensino de História e Pesquisa em História Perspectivas e possibilidades”. As discussões, os debates e as aulas possibilitaram deslocamentos e reflexões sobre as perspectivas teóricas-metodológica, concepções de mundo presentes na produção historiográficas, a Base Comum Curricular Nacional (BNCC), os cadernos de orientações curriculares, as novas linguagens e abordagens no ensino de história.

Nos primeiros anos do curso de História nos deparamos com alguns questionamentos: o que é história? O que são as fontes históricas? O que é o tempo? Como trabalhar com as fontes históricas em sala de aula e na pesquisa? Essas e outras reflexões que contribuem para/no processo de ensino e aprendizagem. Desse modo, tais perguntas permaneceram nos inquietando e serviam de debates e diálogos com vários colegas em sala de aula.

O livro “Apologia da história, ou o ofício do historiador” do pesquisador francês Marc Bloch, foi o primeiro nesse processo de reflexões sobre a história, fonte e tempo. Esta obra foi o estopim para compreendermos o termo História como a ciência dos homens no tempo. Nesse sentido, o referido texto contribuiu para nossa ampliação de compreensão historiográfica e que esta vai além das histórias dos governantes e políticos (histórias de modo geral apresentadas como oficiais). A partir dessa leitura percebemos as histórias, como por exemplo, histórias da mentalidade, histórias das crianças, histórias das mulheres, histórias dos operários, entre tantas outras.

As fontes históricas são caracterizadas como registros que podem fornecer aspectos informativos sobre acontecimentos do passado, por exemplo, orais, sonoros, iconográficos e escritos. Assim, é preciso mencionar que no século XIX – os documentos escritos eram vistos como fontes confiáveis e verdadeiras na historiografia positivista. Nesse sentido, os documentos escritos recebiam aspectos de veracidade, progressividade e linearidade dentro da construção da História. No entanto, o livro “A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia” do historiador inglês Peter Burke apresentou a base para a compreensão do

movimento historiográfico francês liderado pelos historiadores Marc Bloch e Lucien Febvre na ampliação das temáticas, temas, fontes e a colaboração interdisciplinar desta escola no trabalho com as fontes históricas. O pesquisador Burkert apresenta no decorrer do livro as três gerações da Escola dos Annales: o Antigo Regime na historiografia e seus críticos, os fundadores: Lucien Febvre e Marc Bloch, a era de Braudel, a terceira geração e os Annales numa perspectiva global.

O processo historiográfico é tortuoso e cheio de grandes desafios que o historiador enfrenta quando prepara suas pesquisas e como desenvolve catalogações das fontes históricas. Bloch (2001) destaca quão intensamente é preciso questionar e problematizar as fontes históricas, pois podem conter ideias, informações, autores, datas, tempo e objetivos que na pesquisa historiográfica deve ser indagado pelo pesquisador. De acordo com esta perspectiva o historiador deve olhar para as suas fontes históricas e questioná-las, possibilitando ou propondo a ampliação de vozes outras que na história oficial não são levadas em consideração, como por exemplo, dos negros, indígenas, quilombolas, mulheres, entre outras vozes que ecoam na diversidade e que são sufocadas pela ordem progressiva e linear de uma história única e oficial.

A metodologia utilizada neste estudo é a bibliográfica. Segundo Gil (2008), a pesquisa bibliográfica é caracterizada a partir de material já elaborado, constituído efetivamente de teses, dissertações, livros e artigos científicos. Deste modo, o primeiro momento do artigo foi na seleção, na organização dos textos para alcançar o objetivo desta pesquisa.

Nesse sentido, Barros (2011) apresenta que teoria e metodologia andam juntas no trabalho historiográfico e também na formação de historiadores. Ele apresenta como os processos históricos e as correntes da História foram sofrendo continuidades e rupturas nos processos econômicos, sociais, políticos, culturais, entre outras dimensões. Portanto, o trabalho com as fontes históricas em sala de aula depende dos filtros teóricos/ metodológicos e como o professor abordará o objeto de estudos dos conteúdos ministrados. O docente proporcionará de acordo com o filtro escolhido um meio pelo qual os alunos irão olhar os documentos: fotos, relatório, entre outras fontes, no sentido de tecer críticas e reflexões sobre aquele determinado material.

A partir dessas e de outras leituras filtradas durante a disciplina e em alguns eventos na área de História, esquematizamos discussões bibliográficas sobre fontes históricas, tempos, memórias, linguagens, metodologias e teorias. Este momento oportunizou muitas reflexões sobre documentos e a formação de professores da Universidade Federal do Acre (UFAC). Destacamos então a importância do espaço universitário democrático, público e de qualidade para o encontro na “poética da diversidade” (GLISSANT, 2005), pois este ambiente possibilitou momentos de

diálogos e reflexões sobre as diferentes línguas, culturas, políticas, teóricas e metodologias de vários sujeitos.

2 A FAVOR DAS MÚLTIPLAS LINGUAGENS EM SALA DE AULA

O historiador José Ribamar Bessa Freire no artigo intitulado “A canoa do tempo: tradição oral e memória indígena” propõem uma reflexão muito importante para a ampliação das múltiplas linguagens na historiografia e no Ensino de História. Ele tece reflexões sobre memória e fontes históricas a partir de autores europeus, quilombolas e indígenas para que o leitor a partir de sua leitura perceba que existem outras perspectivas de memórias para além das letras e dos documentos escritos. Nesse sentido, Freire apresenta o relato de Maria Joaquina da Silva, Dona Fiota, quando ela participou do seminário sobre as línguas faladas no Brasil:

[...] “Eu não tenho a letra. Eu tenho a palavra” [...]. Mostrou assim que existe sabedoria sem escrita, que na situação em que se encontra ela não precisa da letra, porque usa a palavra para transmitir seus saberes, trocar experiências e desenvolver suas práticas sociais. Ela não é carente de escrita, como afirma alguns letrados, mas independente de escrita. (FREIRE, 2014, p.13-14).

A fala da Dona Fiota tem um aspecto marcante, pois nos apresenta aspectos outros, comunicativos e relacionais com o mundo e os saberes/conhecimentos. Criando dimensões outras de ensino e aprendizagem a partir da oralidade, da arte, da música, dos jogos de videogames, das fotografias e dos territórios ancestrais. A discussão da letra e da palavra, baseada na vivência e experiência de Dona Fiota nos instigou o olhar para outras dimensões de linguagens em sala de aula, proporcionando caminhos diferentes que dialoguem com as letras e com a oralidade.

A disciplina Ensino de História trouxe para o debate a variedade de documentos escritos e não escritos a partir do texto “Ensino de História: fundamentos e métodos” da professora Circe Maria Fernandes Bittencourt. A leitura deste livro possibilitou discussões e imersões nas temáticas de currículo, de correntes historiográficas, dos conceitos históricos, das aprendizagens em História, dos procedimentos metodológicos, dos materiais didáticos: concepções e usos, entre outras reflexões tecidas ao longo do livro:

Imagens diversas produzidas pela capacidade artística humana também nos informa sobre o passado das sociedades, sobre suas sensações, seu trabalho, suas paisagens, caminhos, cidades, guerras. Qualquer imagem é importante, e não apenas aquelas produzidas por artistas. Fotografias ou quadros registram as pessoas, seus rostos e vestuários e são marcas de uma história. Produções modernas, como os filmes,

registram a vida contemporânea e reconstróem o passado, revivendo guerras, batalhas e amores de outrora, ou ainda imagem do tempo futuro. (BITTENCOURT, 2011, p.353).

Portanto, essas produções artísticas e culturais de certa maneira contribuem para a compreensão de um determinado tempo e lugar, é claro por um filtro narrativo ficcional, mas cremos que história também atua dessa maneira, recriando e reinventando o passado a partir de um ponto de vista. No filme *“Sociedade dos Poetas Mortos”*³, o autor Robin Williams interpretando o professor John Keating, protagoniza a luta de um docente na implementação de outros métodos de ensino e aprendizagem a partir da poesia, das artes, das músicas, dos sentidos, entre outras dimensões do potencial criativo e reflexivo dos seus alunos. Mas, o professor John Keating é duramente reprimido, porque a escola Welton Academy era regida por quatro pilares fundamentais: honra, tradição, disciplina e a excelência. Assim, essa academia era referência na formação de médicos, advogados, administradores, entre outras profissões, que são vistas como as mais “dignas” dentro da sociedade capitalista; e os métodos utilizados pelo professor Keating não dialogavam com o objetivo disciplinador que a escola almejava, porque fugiam da lógica de formação homogênea.

Na contramão desse sistema “escolar bancário” (FREIRE, 1974), que treina os alunos para ocupar o seu espaço no mercado de trabalho e que não leva em consideração as experiências e vivências dos alunos, mas compreende esses discentes como banco de depósitos de informações, sem fazer crítica a esses conteúdos, o professor John Keating delineou ao longo do filme aspectos para além desta educação bancária, mas fez refletir sobre a educação libertadora das amarras capitalistas, entretanto, que leva também o encontro com a poesia e as artes. Uma das falas que ganharam destaque no filme e que muito nos afetou foi quando o professor John Keating diz: “medicina, direito, administração, engenharia são atividades nobres, necessárias à vida. Mas, a poesia, a beleza, o romance, o amor, são coisas pelos quais vale a pena viver”. Não pretendemos desvalorizar ou dizer qual é a melhor área de atuação, qual profissional vive melhor, o que pretendemos é refletir sobre um modelo escolar cujo objetivo é formar máquinas que não pensam, não falam, não tem necessidades e que não cansa de realizar suas tarefas, escola essa que visa a disciplina acima de tudo, que pensa em formar modelos de subserviência que jamais deverão se contrapor a esse sistema que lhes é imposto.

³ Direção de Peter Weir - Em 1959 na Welton Academy, uma tradicional escola preparatória, um ex-aluno (Robin Williams) se torna o novo professor de literatura, mas logo seus métodos de incentivar os alunos a pensarem por si mesmos cria um choque com a ortodoxa direção do colégio, principalmente quando ele fala aos seus alunos sobre a "Sociedade dos Poetas Mortos". Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-5280/>>. Acesso em: 17 de março de 2021.

O diálogo entre o livro *“Ensino de História: fundamentos e métodos”* e o filme *“Sociedade dos Poetas Mortos”* contribui para repensarmos esse modelo de escola tradicional e assim considerarmos as linguagens múltiplas que um ensino diferenciado pode nos proporcionar. Desse modo, o livro e o filme destacam mecanismos e ferramentas para romper com esta ideia da escola disciplinadora e formadora de seres que “não pensam” e de pensarmos ainda que nesse processo de ensino aprendizagem tanto o aluno aprende quanto nos ensina, pois suas vivências dizem do mundo que vai muito além das quatro paredes de uma sala de aula.

A leitura do texto “Linguagem, Língua, Linguística” de Petter (2018) teceu o fascínio que a linguagem sempre desempenhou sobre o homem que decorre desse poder que admite não só nomear/criar/transformar o universo real, mas também permite trocas de experiências a partir das oralidades. Para Martelotta (2017) a linguagem se destaca como uma complexidade e uma diversidade de problemas que suscitam a análise de outras ciências, como a psicologia, a antropologia, a história, a geografia. Deste modo, Martelotta (2017) apresenta que, o termo “linguagem” perpassa várias dimensões, que é mais destacada a partir do emprego na comunicação, por exemplo, dessas diversas linguagens que são: dos animais, corporal, artística e de sinalização. Diante disso, esses autores apresentam muitas reflexões para além da escrita alfabética, mas entrecruzam vários tipos de linguagens nas múltiplas sociedades do mundo.

Assim, o ser humano cunhou e permanece desenvolvendo várias categorias de linguagem que lhes deixam tecer os múltiplos enfoques das “realidades” e, também, se anunciar e dialogar com os mundos. Na atualidade temos uma diversidade incomensurável de linguagens, tais como a matemática, artística, científica, indígenas, africanas, arábicas, feminista, teatral, cinematográficas, entre outras. As novas tecnologias nos fazem alargar a ideia (conceito) das linguagens já existentes e também criam perspectivas outras, mais correspondentes às necessidades do momento histórico.

2 FORA DA MEMÓRIA E O MAL DE ARQUIVO: FONTES HISTÓRICAS EM SALA DE AULA

Neste ponto dialogamos a partir da música

Fora da memória tem
Uma recompensa
Um presente pra você
Você que não pensa
No que foi
No que será

No que foi
No que viria

Fora da memória tem
Uma regalia
Para quando você acordar todo dia
Fora da memória tem
Uma fantasia
Para você recordar todo dia
De esquecer
De esquecer
De esquecer, iê”. (TRIBALISTAS, 2017).⁴

A música “fora da memória” analisa as distintas formas pelas quais o ser humano conta e articula a recordação e como essa representação se relaciona com o modo de construção dessa memória. Essa perspectiva nos lembra o jogo que a memória faz entre o esquecer e o lembrar nas entrelinhas dos tempos. Essa ideia nos adverte como os livros, os museus, as fotografias, os vídeos, os corpos e as músicas tentam captar e armazenar memórias. Em uma aula da disciplina Ensino de História ocorreu a discussão sobre a importância da música e a História, pois esses dois campos de conhecimentos possibilitam novas dimensões e abordagens dentro da ministração de determinados conteúdos e temáticas. Como destaca Bittencourt (2011), a música e o ensino de História apresentam grandes fluxos de problemáticas sobre os conteúdos, as fontes e os materiais didáticos utilizados em sala de aula. Portanto, essas trajetórias-pedagógicas buscam novas perspectivas historiográficas em sintonia com as histórias no plural.

O historiador francês Jacques Le Goff, apresenta uma reflexão entre História e memória de muita importância, pois observa esse fluxo da linguagem falada e/ou escrita nas especificidades das sociedades. Assim, tecendo os múltiplos tipos de memórias, por exemplo, a fotográfica, a escrita, a oral, a criptografada (computador), livros, museus, coletiva e individual. Le Goff (2006), frisa que a História é ciência do passado, mas como a “ciência da mutação e da explicação dessa mudança” (LE GOFF, 2006, p. 14-15), o passado é construção e reinterpretação a partir da seleção de determinado historiador. Esta perspectiva trouxe à tona que a memória e História não são lineares, mas se caracterizam de rupturas, descontinuidades, saberes e poderes. Portanto, fazendo nos refletir sobre as fontes históricas em sala de aula no sentido de observarmos o saber/poder do documento, da fotografia, entre outras referências.

A memória individual é caracterizada como as vivências e as experiências de um sujeito dentro das suas dimensões sensitivas, mas ela também pode conter aspectos do grupo no qual esse sujeito pertenceu. A memória coletiva é forjada a partir da “imposição” de determinados traços identitários e nacionais, ou seja, cria uma certa identificação geral das pessoas que

⁴ Música disponível em: <https://youtu.be/FhIFWOdhjHl>. Acesso em: 29 de março de 2021.

pertencem a determinada, sociedade, como por exemplo, o patriotismo criado para um país. Nesse sentido, no trecho da música dos Tribalistas que diz: “Fora da memória tem uma fantasia para você recordar todo dia”, é fazendo, portanto, uma relação com essas memórias coletivas, que criam museus, monumentos, estátuas, projetos políticos, entre outras dimensões, que servem de manutenção de uma identidade, de uma historiografia, de uma nação, de um povo. Esses processos desenvolvem laços de coletividades entre Estados e população. Mas, ao mesmo tempo, exclui outros tipos de memórias: a história/memória das mulheres, dos povos africanos e afro-brasileiros, dos povos indígenas de tantos outros sociais que são lidos nessa lógica como minorias. Segundo Le Goff (2006), a memória é plural, pois as sociedades usam diversas formas de registrar, organizar, difundir e armazenar suas linguagens nos mundos em conexões.

No texto *O mal de arquivo* do filósofo Derrida (2001), compreendemos como os arquivos são criados e operacionalizados na seleção e escolha de memórias. Esses arquivos são guardados e armazenados na perspectiva da conservação e também do desejo de apagamento, ou seja, no mesmo momento que se pretende guardar determinados aspectos de uma sociedade, se almeja também ao apagamento de outras. É pertinente, portanto, pontuarmos que o pesquisador ou leitor desses arquivos deve estar atento para as lacunas, ocultamentos ou exaltação de alguns pontos. Deve-se estar atento ao pesquisar em arquivos que eles foram criados por alguém, com um objetivo, com um viés e o pesquisador ao analisa-lo deve questiona-lo enquanto fonte de pesquisa.

Como destaca Bloch (2001) é preciso colocarmos esses arquivos e documentos no pentefino da problemática e dos questionamentos a partir das perguntas: quem produziu? Por que produziu? Para quem? Onde? Qual o contexto histórico? Tais questionamentos põem em xeque e no centro do debate a questão dos arquivos como lembranças e apagamentos, e principalmente nos fazendo refletir sobre a produção de arquivos e documentos que visa uma História Nacionalista e Progressista, que tenta apagar as diferenças e outros modos de memórias.

O trabalho com as diversas fontes históricas em sala de aula são importantes para refletirmos sobre o tipo de produção e recorte que eram produzidas sobre esse passado, sobre como os sujeitos históricos se relacionavam com tais documentos e arquivos; nos permite ainda refletir sobre crenças, visões de mundo, aspectos geográficos, arqueológicos, filosóficos, entre outras inter-relações que podem surgir das problemáticas sobre o documento.

Nesse sentido, os arquivos:

Quer se trate de documentos conscientes ou inconscientes (traços deixados pelos homens sem a mínima intenção de legar um testemunho à posterioridade), as condições

de produção do documento devem ser minuciosamente estudadas. [...] Todo documento é um monumento que deve ser desestruturado, desmontado. O historiador não deve ser apenas capaz de discernir o que é 'falso', avaliar a credibilidade do documento, mas também saber desmistificá-los. (LE GOFF, 2006, p. 106-110).

Portanto, atividade de pesquisa-crítica nos documentos estimula a curiosidade e o potencial investigativos dos alunos, permitindo-lhes deferir o papel de voz ativa na seleção, na organização, na busca e no registro da desestruturação desses documentos em sala de aula. Assim, os diálogos professor e aluno permitem um desenvolvimento das capacidades de trabalho no fluxo do ensino/aprendizagem, que são necessárias para desmistificar essas fontes cânones. O docente pode motivar e orientar a pesquisa documental levando questões e problemáticas para que os alunos questionem o que está sendo estudado. Esse exercício contribui para o desenvolvimento de outras histórias e historiografias na ampliação e nos questionamentos dos documentos. A “XX Semana de História – Ensino de História e Pesquisa em História Perspectivas e possibilidades” forneceu discussões muito pertinentes sobre memória, fontes, interdisciplinaridades, ensino e pesquisa dentro da História. Nesse sentido, este evento privilegiou discussões metodológicas e teóricas que muito nos interessou, pois somos sujeitos em constante trânsitos de ensino e aprendizagem.

Nessa direção, a historiadora brasileira Maria Regina Celestino de Almeida apresenta o diálogo interdisciplinar para desmontar essas documentações, que colocam os povos indígenas, como selvagens, bárbaros, incivilizados, entre outros termos estereotipados.

A partir dessas novas abordagens interdisciplinares, alguns pontos pacíficos da história do Brasil têm sido desmontados e dado lugar a interpretações nas quais os índios surgem como agentes dos processos de mudanças por eles vividos. Fontes históricas, algumas já bastantes trabalhadas, quando lidas de outra forma revelam realidades distintas das tradicionalmente apresentadas. (ALMEIDA, 2010, p. 25).

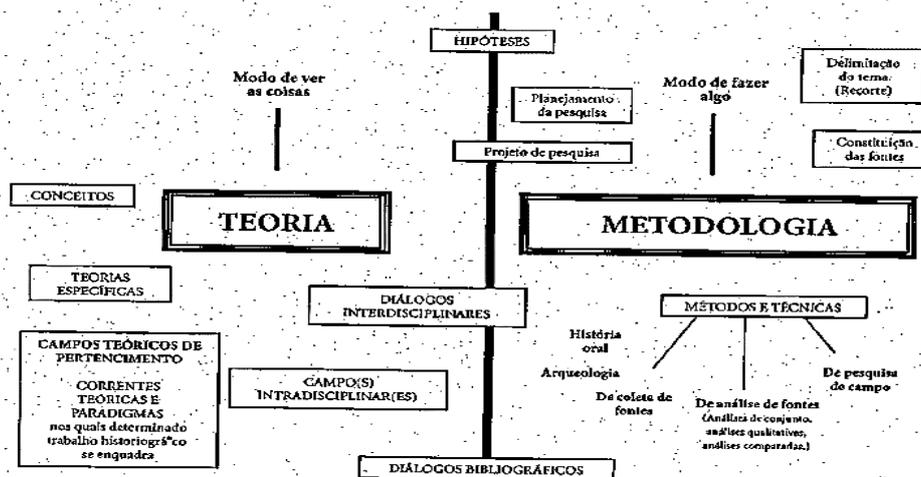
Essas abordagens interdisciplinares trazem momentos metodológicos e pedagógicos muito pertinentes, colocando diversas disciplinas em diálogos e assim ampliando as propostas de estudos e análises. Um exemplo dessa interdisciplinaridade é o diálogo entre a química e a arqueologia, pois trabalham juntas (a partir do Carbono-14), no qual trouxeram muitas contribuições e descobertas a respeito de civilizações e cidades antigas, objetos e histórias.

Deste modo, quando Almeida (2010) traz esse dismantelo dos documentos e a possibilidade de outras interpretações nas quais os povos originários surgem como voz ativa de suas vidas, cantos, histórias, educações, fator importante e imprescindível, pois traz à tona o debate da (re)existência desses povos desde os primórdios, muito antes da história escrita e linear, que lutaram e continuam a lutar dentro desses processos históricos e documentais eurocentrados.

As memórias dessas comunidades são tecidas no corpo, na floresta, no canto, nas artes, na educação, na escrita, na terra, entre outras perspectivas que vai muito além daquela instituída na sociedade dita moderna e progressista.

Nesse contexto, a historiografia sofreu alterações no campo teórico, metodológico e de pesquisa. O historiador Barros (2011) diz que teoria e metodologia – “são duas dimensões fundamentais para a formação do historiador(a) e para a sustentação de qualquer pesquisa histórica desse âmbito profissional e do campo disciplinar da historiografia” (BARROS, 2011 p.9). Portanto, esses campos: teóricos, metodológicos e historiográficos constituem-se a partir de novas fontes, críticas aos documentos, oralidades, novos ângulos históricos, novas dimensões, domínios, abordagens e temáticas que eram vistas como “marginalizadas”, mas que surgem para deslocar o tempo linear e progressista da História com H maiúsculos dos políticos e dos ditos “vencedores”⁵.

Figura 1 - sobre a diferença entre a teoria e a metodologia na operação historiográfica



Quadro 2. Sobre a diferença entre teoria e metodologia na operação historiográfica

Fonte: (BARROS, 2011, p. 69)

As diferenças entre teoria e metodologia se desenvolvem em vários aspectos, por exemplo, a teoria é o modo de ver, já a metodologia é modo de fazer. Assim, a teoria se constitui de conceitos, de teorias específicas, de campo(s) intradisciplinar(es), de campo teórico e paradigmas (correntes teóricas e paradigmas nos quais determinado trabalho historiográfico se enquadra, de diálogos interdisciplinares, de diálogos bibliográficos) e a metodologia se constrói a partir do planejamento da pesquisa, delimitação do tema (recorte), constituição das fontes,

⁵ Ler: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política.** Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

métodos e técnicas, História oral, Arqueologia, de coleta de fontes e análise das mesmas, de conjunto, qualitativas e comparadas e de pesquisa de campo.

Portanto, para Barros (2011) há essas diferenças supracitadas, mas a teoria e metodologia andam em par de irmandade, pois os dois campos se comunicam de forma interdisciplinares na ampliação do objeto de pesquisa ou das documentações utilizadas. Esses diálogos entre teoria e metodologia originam outras perspectivas historiográficas para as temáticas, os temas e os conteúdos em sala de aula, porque trazem à tona outros ângulos históricos na diversidade de línguas, linguagens, culturas, entre outras extensões.

Como destacam Almeida (2010) e Barros (2011), esses fluxos comunicativos alargam a noção de fonte histórica e colocam as documentações em constantes problemáticas e questionamentos sobre os materiais utilizados na pesquisa ou na composição de uma aula. Deste modo, professores e os alunos entram em sintonia na elaboração de conteúdos mais críticos que contribuem para a formação de cidadãos, no sentido do respeito e da solidariedade. Assim, a crítica a esses marcos históricos visto como “verdade absoluta” são importantes vias para repensarmos as estruturas e desconstruir as narrativas lineares de exclusão e de silenciamento das múltiplas vozes.

Já foi sugerido que quando os historiadores começaram a fazer novos tipos de perguntas sobre o passado, para escolher novos objetos de pesquisa, tiveram de buscar novos tipos de fontes para suplementar os documentos oficiais. Alguns se voltaram para a história oral [...]; outros, à evidência das imagens [...]; outros, a estatística. Também se provou possível reler alguns tipos de registros oficiais de novas maneiras. (BURKE, 1992, p. 25).

A escrita da História dos séculos XX e XXI, vem trazendo novas perspectivas de transformações teóricas/metodológicas das temáticas relacionadas com as experiências comuns, que eram ignoradas pela pesquisa historiográfica tradicional e positivista do XIX. Essas novas metodologias da oralidade, interdisciplinares apresentam novos questionamentos para o passado e uma problemática mais relacionada com as críticas aos documentos ditos como “oficiais”.

Desse modo, quando Burke (1992) apresenta essa perspectiva de ampliação das fontes devemos reconhecer que essa perspectiva se faz importante e deve ser levada para a sala de aula no Ensino de História, possibilitando um processo de repensar o ensino/aprendizagem. Essa nova corrente historiográfica dos Annales (século XX), nesse momento, demonstrou a diversidade de fontes que tecem a base para o trabalho do historiador. É por meio dessas múltiplas fontes históricas que temos a possibilidade de alcançar novas perspectivas e

problemáticas. A necessidade de despertar e alertar o aluno para as intencionalidades dos documentos é importante para vermos quem construiu e para quem registrou aquela determinada fonte histórica.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas leituras bibliográficas nos levaram a refletir sobre como a teoria e a metodologia são importantes no trabalho dos professores para realizarmos a ampliação dos documentos e das fontes históricas em sala de aula, pois novas abordagens trazem a noção de história no plural. Assim, o Ensino de História, também sofreu alterações nesse processo. Hoje, os professores de História trabalham com múltiplas fontes históricas e materiais didáticos, por exemplo, os filmes, as músicas, os documentos, as oralidades, as fotografias, os jogos, entre outras.

Portanto, a relação ensino/aprendizagem alicerçada nesse texto é no sentido de proporcionar um saber que esteja relacionado com a prática, que diga do mundo, mas que faça sentido no mundo, que possibilite o diálogo crítico e participativo de todos igualmente e assim dialogarmos com essas múltiplas realidades que vão além das paredes de uma sala de aula. A pesquisa desenvolvida neste trabalho foi efetivamente bibliográfica a partir de leituras e debates nas disciplinas Ensino de História e a “XX Semana de História – Ensino de História e Pesquisa em História Perspectivas e possibilidades”.

As múltiplas memórias são pertinentes para realizarmos um trabalho que destaque as possibilidades de atividades com as linguagens, oralidades, músicas, artes, filmes e a internet na integração das relações críticas e na problematização das historiografias tradicionais. Deste modo, novos temas, abordagens, dimensões, perspectivas historiográficas exigem outras fontes de pesquisa, como destaca Burke (1992).

A formação de professores de caráter diferenciado tem função fundamental que permitem o trabalho com essas novas linguagens, e o docente de História pode buscar oportunidades de aprender continuamente, utilizando-se dessas fontes históricas no processo de ensino/aprendizagem. Esse processo formativo dos professores se dá de forma colaborativa com os colegas de profissão e também com os estudantes, que são seus companheiros nessas aventuras das linguagens, das múltiplas memórias e também na melhoria da qualidade dos fluxos das aprendizagens.

Assim, refletirmos e dialogarmos a partir dos textos supracitados sobre as novas e outras abordagens, que vão de encontro com as novas formas que o mundo vem tomando e como os

(nós) enquanto professores de história devemos estar caminhando lado a lado tentando contribuir com uma formação mais igualitária, crítica, democrática e de qualidade. Tal reflexão é um dos pontos abordados por Bittencourt (2011) nos questionamentos e debates que ela nos traz em torno dessas novas abordagens no ensino de História.

A interdisciplinaridade é uma abordagem teórica-metodológica que apresenta o trabalho de interação de várias áreas do conhecimento. Essa ação traz a perspectiva do conhecimento em diálogos com outras áreas, mas sem perder de vista as especificidades das ciências e estar em interação fornece outras leituras e problemáticas sobre determinado conteúdo.

Ainda pensando a possibilidade de diálogos outros, o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas – Neabi⁶ da Universidade Federal do Acre têm desenvolvidos trabalhos que vão na direção da discussão aqui apresentada, trabalha na formação das áreas educacionais, étnico-raciais, filosóficas, sociológicas, históricas e também nas múltiplas linguagens. O NEABI-UFAC desempenha um papel fundamental na formação de professores de várias áreas educacionais abrangendo diversos temas e temáticas tão importantes para o Ensino de História bem como os demais espaços do conhecimento.

É preciso a criação de movimentos de problematização sobre as fontes históricas que coloquem em xeque a História linear, positivista e europeia, que possibilitem aos alunos, professores e as comunidades ouvirem outras vozes e visões de mundo para além das óticas etnocêntricas. A prática de formação apresentada durante “XX Semana de História – Ensino de História e Pesquisa em História Perspectivas e possibilidades”, utilizou instrumentos que dialogam com essa perspectiva crítica sobre as fontes históricas utilizadas em sala de aula, tão importantes para esse processo de formação de professores e alunos.

Assim, vê-se que a questão entre memórias e fonte históricas é um fluxo teórico-metodológico interdisciplinar, que se mantém na atualidade. Desse modo, o Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Acre, cuja a função é formar professores e historiadores no país, vem fazendo por meios de disciplinas, eventos, programas de formações e outras ações a possibilidade de problematizarmos nossas ações pedagógicas e metodológicas no ensino de História.

⁶ Aprovado no Conselho Universitário no dia 22 de novembro de 2018, o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas da Universidade Federal do Acre, o NEABI/UFAC é uma organização acadêmica vinculada aos movimentos negros e indígenas. Ele integra o Consórcio Nacional de Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros que, juntamente com outros 40 Neabi's integrantes espalhados por todo o país, luta pelas causas da população negra desde 2004 e no combate a superação de todas as formas de racismo e discriminação racial. Disponível em: <<http://www.ufac.br/neabi/neabi>>. Acesso em 30 de março de 2021.

Nas últimas décadas, a didática e prática de ensino de História sofreu alterações pertinentes, por exemplo, a incorporação de diferentes linguagens em sala de aula, a pesquisa e a produção de ação de saberes/fazeres a partir da história problema e do cotidiano, o estudo das histórias locais e sociais, revisitação a história da disciplina nas últimas décadas do século XX e abordagens de outras historiografias mais em consonâncias com os povos nativos, africanos, mulheres, ribeirinhos, agricultores, entre diversas dimensões culturais e identitárias que eram deixadas a margem da história, mas que veem à tona para deslocar a história dos ditos “vencedores”.

É neste sentido que devem ser conduzidas e valorizadas políticas de formação mais em par com as especificidades universitárias na busca de conhecer e explicitar a trajetória das historiografias enquanto modos de estudo e descrição da História, que influenciam na disciplina. Portanto, não criando uniformizações, mas observando os fluxos dos ensinos e das aprendizagens das fontes históricas. Nessas movimentações, se reconhecem e partilham, também, as experiências e as vivências pedagógicas e metodológicas de múltiplos professores(as). Além disso, essas jogadas possibilitam os diálogos, as problemáticas, as observações sobre os conteúdos e temáticas em sala de aula a partir de outras possibilidades plurais, democráticas e críticas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os Índios na História do Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2010. p. 168.

BARROS, José D’Assunção. **Teoria da História (Volume I – Princípios e Conceitos Fundamentais)**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. 4. ed. São Paulo: Cortes, 2011.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Unesp, 1992.

DERRIDA, Jacques. **Mal de Arquivo**: uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

FREIRE, José Ribamar Bessa. **A Canoa do Tempo**: Tradição Oral e Memória Indígena. In: ALBUQUEQUE, G. R.; ANTONACCI, M. A. Desde as Amazônias. Colóquios (volume 2). Rio Branco: Nepan Editora, 2014, pp. 13-59.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar Projeto de Pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GLISSANT, E. **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução de Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora (MG): Editora da UFJF, 2005.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de linguística** – 2 ed. 5a reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2017.

PETER. M. **Linguagem, Língua, Linguística**. In: FIORIN, J.L. Introdução à Linguística: objetos teóricos. 6. Ed. São Paulo: Contexto, 2018, p. 11 – 24.

Sociedade dos Poetas Mortos. Produção de Peter Weir. EUA: abril Vídeo, 1989. Filme (128 minutos)

TRIBALISTAS. **Fora da Memória**. Rio de Janeiro. PHONOMOTOR RECORDS UNIVERSAL MUSIC, 2017.

Data de submissão: 06/04/2021

Data de aprovação: 19/05/2021